O GLOBO
Publicado em 29/08/2024 - 05:57

Sob pressão da inflação, governo indica Galípolo à chefia do BC

SOB NOVA DIREÇÃO

Lula indica Galípolo para presidir BC sob pressão da inflação e risco de alta da Selic

THAÍS BARCELLOS, SÉRGIO ROXO, VICTORIA ABEL E VINICIUS NEDER
economia@oglobo.com.br
BRASÍLIA E RIO

A quatro meses do fim do mandato de Roberto Campos Neto à frente do Banco Central (BC), o presidente Luiz Inácio Lula da Silva indicou ontem o economista Gabriel Galípolo para a chefia da instituição, da qual hoje ele é diretor de Política Monetária. O anúncio foi feito pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, de quem Galípolo foi secretário executivo.

O nome já era esperado pelo mercado e a escolha agora, na visão do governo, ajuda a dissipar incertezas sobre a condução da política de juros. Galípolo precisa ser aprovado pelo Senado, e a Fazenda trabalha para que a sabatina e a votação ocorram antes da próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), nos dias 17 e 18 de setembro e cercada de expectativas pela possibilidade de uma alta na Taxa Selic, hoje em 10,50%, para enfrentar uma inflação que se aproxima do teto da meta, 4,5%.

— O presidente da República me incumbiu de fazer um comunicado aqui, de que hoje ele está encaminhando ao Senado Federal, ao presidente (Rodrigo) Pacheco e ao senador Vanderlan (Cardoso), presidente da CAE (Comissão de Assuntos Econômicos), o indicado dele para a presidência do Banco Central, que vem a ser o Gabriel Galípolo — disse Haddad no Planalto, após reunião com Lula.

MAIS TRÊS DIRETORES

Caso seu nome seja aprovado, Galípolo assumirá com a missão de conquistar a confiança do mercado financeiro, que teme um BC leniente no combate à inflação em 2025, quando o presidente Lula terá escolhido a maioria dos nove diretores da instituição — até o fim do ano, serão mais três indicados. Segundo Haddad, o governo começará agora a trabalhar esses outros três nomes.

Ao lado de Haddad, Galípolo celebrou a indicação, mas disse que não responderia a perguntas de jornalistas "para respeitar a institucionalidade". Essa é a primeira transição de presidência no BC desde que foi aprovada, em 2021, a autonomia operacional.

— Na mesma magnitude, é uma honra, um prazer e uma responsabilidade imensa ser indicado à presidência do BC pelo ministro Fernando Haddad e pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É uma honra enorme, uma grande responsabilidade e estou muito contente — disse Galípolo.

Se confirmado no cargo antes do próximo Copom, Galípolo pode aumentar seu protagonismo no colegiado em um momento decisivo para a trajetória da Selic. Parte do mercado já prevê um ciclo de alta de juros a partir da reunião de setembro, devido às expectativas de inflação distantes da meta de 3% e outros perigos à espreita, como o câmbio e os preços de serviços.

CRISTIANO MARIZ

Como esperado. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, formalizou a indicação de Gabriel Galípolo, que foi seu secretário executivo, para a presidência do BC

> *"É uma honra, um prazer e uma responsabilidade imensa ser indicado à presidência do BC"*
>
> **Gabriel Galípolo,** diretor de Política Monetária do BC

> *"Todo mundo, no próximo Copom, vai olhar para o voto dele. Se tivessem esperado, deixariam para o Campos Neto o ônus de subir os juros"*
>
> **Tony Volpon,** economista e ex-diretor do BC

Desde a última reunião do Copom, em julho, Galípolo tem adotado um discurso mais duro contra a inflação, deixando claro que o BC não hesitará em elevar os juros, caso necessário.

O governo enfrenta resistências no Senado para acelerar a sabatina, embora a avaliação é de que o nome de Galípolo será aprovado facilmente. O Executivo tenta que a sessão seja realizada em 10 de setembro, mas a data ainda não é consenso. Senadores querem ter um corpo a corpo com o indicado antes da votação.

O nome de Galípolo passou a ganhar evidência tanto no mercado como no meio político no início de 2022, às vésperas da campanha presidencial, quando a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, convidou-o para um jantar com a presença de nomes fortes do empresariado, como Abilio Diniz e Flávio Rocha.

A partir daquele momento, Galípolo participou de dezenas de encontros e reuniões nas quais era apontado como uma espécie de porta-voz do petista. No dia da vitória de Lula, pagou rodadas de drinques no bar do hotel onde ele fez seu pronunciamento como presidente eleito. Dizia, na ocasião, que não tinha expectativa de assumir cargo no governo e que seu projeto era se refugiar em Ilhabela, cidade do litoral paulista onde tem uma casa de veraneio.

Não foi o que ocorreu. Galípolo participou diretamente da transição e chegou a ser cotado para presidir o BNDES.

A aproximação com o hoje presidente da República, porém, vem de antes, quando em 2021 participou de reuniões entre Lula e outros representantes do mercado. Chegou a ir ao Natal dos catadores naquele ano, evento ao qual Lula sempre comparece. Também foi nesse período que se aproximou de Haddad, afinidade acelerada por conversas sobre filosofia e suas relações com a economia.

Este ano, ele foi chamado de "menino de ouro" por Lula e chegou a participar de um jantar entre o presidente e economistas desenvolvimentistas, em julho, quando o dólar disparou por conta de falas do presidente.

'TRANSIÇÃO SUAVE'

Galípolo tem 42 anos. É mestre em Economia pela PUC-SP, tem passagens pelo setor público em São Paulo e foi presidente do Banco Fator (2017-2021). Ele teve como sócio e mentor o economista e ex-presidente do Palmeiras Luiz Gonzaga Belluzzo, amigo e conselheiro de Lula. Juntos, escreveram três livros.

Após a indicação, Campos Neto, que tem sido alvo frequente de críticas de Lula por causa dos juros altos, emitiu nota cumprimentando Galípolo e disse que, após a sabatina, a transição será feita "da maneira mais suave possível".

Para o economista Tony Volpon, que foi diretor do BC de 2015 a 2017, o "grande trunfo" de Galípolo — a proximidade com o governo e o presidente Lula — é também sua maior "fragilidade", porque mina sua credibilidade perante o mercado. Ele avalia que uma alta de juros logo no início da gestão de Galípolo pode se tornar inevitável:

— Todo mundo, no próximo Copom, vai olhar para o voto dele. Se tivessem esperado, deixariam para o Campos Neto o ônus de subir os juros.

Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, destacou o fato de o mercado ver as declarações de Galípolo como bastante técnicas.

— A cereja do bolo é esse anúncio com certa antecedência, sem surpresas, o que permite também uma transição suave. Coroa um período bastante desafiador — disse Megale, referindo-se à polarização política. — Mas acabaram prevalecendo o diálogo e a posição técnica.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 15

Copyright © Clipclap 2025.